

# O Brasil e a aposta contra a crise

É DESNECESSÁRIO ESPERAR A CONFIRMAÇÃO do resultado do Produto Interno Bruto (PIB) de 2007, cuja divulgação pelo IBGE está prevista para hoje, para saber que o Brasil exibe atualmente uma vistosa musculatura econômica. Até ontem havia expectativa de que o índice deve situar-se entre 5% e 5,3%. Seja qual for o crescimento apurado pela estimativa oficial – um pouco mais ou um pouco menos, não importa – há a certeza de que o país atravessa um período auspicioso, evidenciado pela expansão do consumo privado, crescimento do emprego e melhoria dos orçamentos familiares. Mais: assistiu-se, neste período, a uma forte ampliação do investimento em máquinas, equipamentos e instalações, mencionado nas contas nacionais como formação de capital fixo, e deverá residir aí o principal componente da expansão do PIB brasileiro – um considerável fator para que se acredite num crescimento econômico de bases sustentáveis.

Para um governo habituado a diariamente vender os próprios feitos – alguns reais, outros ilusórios – parece provável que os marqueteiros do Planalto façam graça com o resultado a ser anunciado hoje. Neste caso, têm um cardápio variado a exhibir. O crescimento de 2007 é um bom resultado e pode repetir-se este ano (sem o anabolizante inflacionário). Empresas privadas anunciam lucros recôrdes. As bolsas não sucumbiram com a crise do *subprime* – ao contrário. O país tem hoje um largo mercado de computadores, aparelhos celulares e cosméticos. As montadoras colecionam resultados expressivos. A geração de empregos foi das melhores das últimas décadas. Há, enfim, uma soma de ganhos que levam respeitáveis analistas internacionais a acreditarem que o Brasil poderá enfrentar turbulências à vista de maneira mais firme do que num passado recente.

Diante de uma eventual recessão americana, alguns acreditam que enfrentaremos apenas um solavanco e não uma crise. Outros se mostram bem mais pessimistas. Mais alguns temem as perdas futuras ocasionadas

pela inevitável queda no preço das *commodities* internacionais. Entre uns e outros, parece consenso que a tese de um “descolamento” absoluto é insustentável. Tanto que as autoridades brasileiras se mostram cada vez mais cautelosas em relação aos riscos de contágio, embora os países emergentes sejam hoje a grande esperança dos xerifes da economia mundial – conforme

## Bons indicadores não podem ofuscar as mudanças necessárias

se viu na declaração desta semana do presidente do Banco Central Europeu, Jean-Claude Trichet, para quem “o reequilíbrio da situação passa pelos países emergentes, para que possamos continuar a ter uma prosperidade global”.

No curto prazo, uma das tarefas mais importantes a resolver diz respeito às contas externas, agravadas pela desvalorização do dólar. Depois de cinco anos de superávits, o Banco Central prevê que o balanço de pagamentos tenha déficit de US\$ 3,5 bilhões em 2008. O número não chega a ser inquietante, mas há o temor de que possa vir a ser, caso as exportações continuem crescendo em menor ritmo e as importações prossigam em passo forte. Não à toa a equipe econômica divulgará medidas para conter a valorização da taxa de câmbio. São bem-vindas.

Noves fora o debate sobre a contaminação da crise, a história ensina que os momentos auspiciosos são os mais oportunos para um país escolher os caminhos que deseja traçar – os marcos efetivos de uma transformação que o guiará a um patamar superior. Como fez a Coreia do Sul recentemente e vêm fazendo a China e a Índia no presente, este é certamente um desses momentos de oportunidade para o Brasil. Basta que os bons indicadores nacionais não ofusquem os incontáveis obstáculos a superar, as deficiências a suprir e as mudanças a promover.

O Brasil precisa avançar, por exemplo, na regulação de setores de infra-estrutura e na melhoria do ambiente de negócios. Somos, afinal, o 121º lugar no ranking do Banco Mundial que mede a qualidade do ambiente de negócios. O mesmo país que assistiu a uma notável ampliação e modernização do sistema produtivo, capazes de elevar o potencial da economia, é aquele que vê entraves em seu sistema de logística e transporte. A legislação trabalhista segue atrasada e inibidora do emprego. A reforma tributária ainda parece algo distante de ser aprovada no Congresso. São obstáculos que precisam ser encarados firmemente, sob pena de o Brasil reverter uma tendência virtuosa que começou a experimentar nos últimos anos.